

RUBEM BRAGA

PREÇOS

NOVA YORK, novembro (Feta Varig) — Pierre Daninos, um escritor francês que viveu alguns anos no Rio como jornalista, fez um livro muito interessante dizendo ao leitor o que ele não deve fazer em cada país. Vários autores colaboraram; a parte do Brasil bastante engraçada (o primeiro mandamento é não descer na Praça Mauá com aquele chapéu que os ingleses usam na África) foi feita por Daninos mesmo. Lembro-me do capítulo sobre a China; se lhe oferecem um jantar, este invariavelmente termina por um caldo de arroz que você não deve tomar, por mais que o infitrião insista; e ele insiste várias vezes; se aceitar o arroz você estará confessando que não gostou da comida e não se alimentou bem, mas o dono da casa, por delicadeza e humildade, insiste. Mas isso deve ser um costume da China antiga.

Já aprendi um não de Nova York. Ao dar 15 centavos de gorjeta ao «chauffeur» do táxi ou a qualquer garçon, você não deve usar moedas de um centavo. Ele lhe devolverá indignado as moedinhas com o retrato do bom Lincoln. O «cent» é humilhação, é tabu, mesmo que sejam muitos; e quantos mais forem, mais humilhantes. E cada um vale mais ou menos 70 centavos...

Uma surpresa para mim foi a facilidade de obter um abatimento nos preços. Está claro que numa loja comum isso não acontece. Mas se você quer comprar um rádio portátil ou qualquer outra coisa, sempre aparece alguém que lhe diz onde pode comprar mais barato que o preço oficial, marcado pela fábrica. Esse desconto é quase sempre de 30 por cento. Há casas especializadas em vender para brasileiro, que fazem um movimento enorme.

Está visto que isso não vigora para compras a crédito. Mas o crédito é facilíssimo, a juros baixos e prazos enormes. Com 10 dólares de entrada (700 cruzeiros) você toma posse de um bom carro usado; mas para deixar o carro em algum lugar do centro durante o dia paga 2 dólares.

Nota para os boêmios: o «scotch», invariavelmente bom, num bar comum, custa o equivalente a 45 cruzeiros; em um lugar grã-fino como «El Morocco», em que você tem o direito de olhar Elizabeth Taylor na mesa ao lado, custa 75 cruzeiros, e o «couvert» não chega a 150 cruzeiros. A vida em geral é caríssima; mas há essas coisas suaves que fazem bem à alma.